



WEBTV Kaxinawá: Autonomia audiovisual¹

Alita Sá Rego²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro..RJ

RESUMO

Este trabalho aborda algumas questões a respeito da produção de conteúdo audiovisual destinada à veiculação nos canais alternativos de difusão, com base na observações realizadas durante a pesquisa *Imagens sensoriais digitais e suas narrativas: a produção de material didático audiovisual para os jovens da periferia do Rio de Janeiro no século XXI*, realizada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no *campus* da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), em Duque de Caxias. Queremos verificar formas de formas e conteúdos de programas para serem utilizados em sala de aula e veiculados pela WEBTV Kaxinawá da FEBF que sejam, ao mesmo tempo, locais, nacionais, globais e capazes de atrair a atenção do público jovem que estuda e mora na Baixada Fluminense. Também temos o objetivo preparar o professor de sala de aula para realizar, junto com seus alunos, o seu próprio material audiovisual, através do domínio da tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: WEBTV, periferia, produção audiovisual.

Introdução

Maio de 2009, estúdio da IPTV Kaxinawá na FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense), no *campus* da UERJ em Duque de Caxias. Às 18h30min começa a primeira transmissão experimental de nossa IPTV, com o programa de entrevistas *5ª Dimensão*. Além da transmissão ao vivo pela Internet, depois de editado, o programa estará disponível na WEBTV Kaxinawá.

É no contexto da pesquisa sobre a IPTV Kaxinawá que se insere o nosso projeto, *Imagens sensoriais digitais e suas narrativas: a produção de material didático audiovisual para os adolescentes da periferia do Rio de Janeiro no século XXI*, cujo objetivo é produzir material didático audiovisual e introduzir o conhecimento das

¹ Trabalho apresentado no GP Audiovisual do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós doutoranda na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. (FEBF-UERJ), email: alitasa.rego@gmail.com



tecnologias de comunicação e informação no âmbito da formação de professores. A pesquisa, ao mesmo tempo teórica e prática, é financiada pela FAPERJ e começou em setembro de 2007. Nossa intenção é fazer com que os futuros professores saiam do papel de consumidores passivos de produtos audiovisuais previamente produzidos e se tornem capazes realizar uma produção autônoma para uso em sala de aula, e que possa, ao mesmo tempo, ser veiculada na WEBTV da FEBF, na TV Universitária e nas TVs Públicas.

Ao se apropriarem da tecnologia de produção, os futuros professores também estarão capacitados a introduzir o uso do vídeo em sala de aula, transmitindo a seus alunos o conhecimento técnico e prático adquirido, dando origem, assim a uma nova geração de produtores audiovisuais autônomos. Para determinarmos esses objetivos, levamos em consideração as transformações tecnológicas que baratearam o acesso aos meios de produção do audiovisual, a facilidade do manuseio dos equipamentos e a possibilidade de veiculação aberta pelas redes digitais. Levamos em consideração também a necessidade de professores e alunos se apropriarem da tecnologia para se inserirem no contexto da existência do trabalho imaterial que é característico da sociedade contemporânea, calcado na produção, distribuição e controle da informação.

Nosso projeto deu origem ao Laboratório de linguagens audiovisuais – LABORAV, cujo objetivo é produzir uma programação diferenciada para uma TV localizada em uma faculdade na periferia da cidade do Rio de Janeiro, que vá além da transmissão de mesas redondas, entrevistas com acadêmicos e videoconferências. Para isso, já foram realizadas três oficinas práticas de criação e produção com os alunos das faculdades de pedagogia, geografia e matemática. O resultado das oficinas foram diversos projetos de programas, dentro os quais estão *Por dentro do fora*, *Quem cala consente* e *Cidade exposta*. Nesses projetos, procuramos incentivar os alunos a reconhecer e inserir marcas territoriais da periferia, produzindo um material que reflita os processos de singularização característicos dos jovens da região. Acreditamos que a originalidade do projeto está em aprofundar a interface entre comunicação e educação e, ao mesmo tempo, criar uma programação diferenciada para a WEBTV Kaxinawá.

Singularidades antropofágicas



MCLUHAN(2005)³ indica que a causa do abandono da sala de aula pela geração eletrônica se deve ao nosso hábito de encarar o novo através das lentes do velho. Por isso, imaginamos que a TV está ligada à visão, da mesma forma que o livro, quando, na verdade, ela está ligada ao processo integrativo proporcionado pela imersão sensível. Nesse caso, o aluno sai da era da especialização literária para o envolvimento abrangente provocado pela tecnologia eletrônica. Ao conviver, desde a infância, com uma carga contínua de informação, transmitida de forma imersiva e instantânea pelos meios de comunicação, ele não encontrará prazer nenhum em receber conteúdos do século XIX e do início do século XX.

Neste contexto, podemos propor que uma metodologia adequada a esses alunos deveria adotar métodos de ensino imersivos e interativos, capazes de gerar processos de singularização que proporcionassem novos modos de pensar, agir e sentir. Uma forma de reagir aos comportamentos codificados, aos modos de manipulação e telecomando difundidos pelas mídias que vão dar origem a identidades *prêt-à-porter*.⁴ Essa reação se daria através da produção de novas formas de criatividade, sensibilidade e de relações sociais capazes de provocar processos de singularização (Guattari, 2007).⁵Essas novas formas de singularização se oporiam às difundidas pelos meios de comunicação de massa. Ao transmitir palavras de ordem e modos de existir voltados para o consumo, sem diferenciar públicos, a mídia de massa cria um espírito coletivo uniforme, através do excesso de estímulos e informações que circulam pelo ciberespaço, em uma velocidade e quantidade praticamente incontrolável. Um excesso que provoca distúrbios de tempo e espaço, que causam um profundo senso de desorientação.

Como consequência, há um embaralhamento de crenças e sentidos e um excesso de vozes que procuram explicar o que está acontecendo, para um espectador incapaz

³ Hoje, a criança comum vive num ambiente eletrônico; vive num mundo sobrecarregado de informações. Desde a infância ela se confronta com a imagem da televisão, com sua textura semelhante ao braille e seu caráter profundamente envolvente. (...) As crianças, tão acostumadas a uma avalanche de dados em seus ambientes cotidianos, são introduzidas em salas de aula e currículos do século XIX, onde o fluxo de dados não apenas é pequeno como também segue o padrão fragmentado. Os assuntos não estão inter-relacionados. O choque ambiental pode anular a motivação da aprendizagem.(McLuhan, Marshal. 2005. p.84.

⁴ Tais identidades definem-se não só por certas competências, mas também por uma certa aparência, um estilo de corpo, roupa e comportamento ditadas pelas tendências do mercado do momento. Rolnik.1998. p.14.

⁵ Eu oporia a essa máquina de produção de subjetividade a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de processos de singularização: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação pré estabelecidos, todos esses modos de manipulação e telecomando, recusa-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. (Guattari/Rolnik.2007. p.22)



criar seus próprios processos de subjetivação. Sendo assim, perguntas clássicas ficam sem respostas: quem somos nós e para onde vamos? A verdade, onde está a verdade? E o porto seguro de nossa identidade, onde foi parar? Cadê meu país, meu território, minha cultura? Onde estou, quem sou, é tudo tão estranho à minha volta (Rolnik, 1998).

Rolnik (1998) aponta duas formas para se lidar com esta situação. A primeira delas é reagir à idéia de que tudo pode ser relativo, de que o sonho acabou e que a realidade se desmaterializou, virando uma construção social (de acordo com as ciências humanas) e que a matéria não passa de linguagem (informação digital, segundo a informática). Os reativos vagam em busca de uma identidade coletiva que sirva de modelo para seus modos de agir, pensar e sentir e de um território que possam chamar de lar para protegê-los do caos que os envolve. Nem que para isso tenham que matar ou morrer.

Ao mesmo tempo, encontramos aqueles que glorificam o novo momento, como uma nova gênese do humano, que, conectado às máquinas, viverá o alvorecer de uma nova era de bem-aventurança, apesar das dificuldades iniciais que o período nos obriga a vivenciar. O primeiro, *apocalíptico*, reclama com saudosismo pela volta dos antigos modos de vida, dos antigos valores, do trabalho material e das identidades tradicionais. O segundo, *integrado*, vê o futuro tecnológico como o novo paraíso, habitado pelos *borgues* pós-humanos.

Propondo uma visão nem tão apocalíptica e nem tão eufórica, Rolnik (1998) aponta um novo caminho para se lidar com a contemporaneidade – com um jeito tipicamente brasileiro: podemos pensar no momento singular em que vivemos e integrar essa confusão ao nosso cotidiano. Um hábito que já faz parte da nossa tradição. Aqui somos capazes de assimilar e deglutir tudo o que há de novo, o diferente, integrando-o ao cotidiano. Uma herança do antropofagismo de nossos antepassados tupis. Os índios desta etnia devoravam os bravos guerreiros inimigos para adquirir a potência vital deles, absorvendo-os de corpo e alma.

A inspiração da noção de antropofagia vem da prática dos índios tupis, que consistia em devorar os seus inimigos, mas não qualquer um, apenas os bravos guerreiros. Ritualizava-se assim uma certa relação com a alteridade: selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por esses outros desejados a ponto de absorve-los no corpo, para que partículas de sua virtude se integrasse à química da alma e promovessem o seu refinamento. (Rolnik. 1998. p.2)

É por isso que acreditamos que uma oposição ao controle e às produções de subjetividades pelos meios de comunicação não implicam em uma rejeição ao ambiente



mediático e num retorno aos velhos tempos pré-eletrônicos. Muito pelo contrário, ela vai implicar em uma forma de se apropriar antropofagicamente deste universo tecnológico, para que seja possível encontrar linhas de fuga em um meio que aparentemente não tem saída. Nesse contexto, é fundamental resguardar as marcas territoriais que irão preservar as singularidades dos jovens alunos da FEBF envolvidos no processo de produção audiovisual, para que estes não repitam a mesma visão de juventude que está presente na mídia comercial.

Juventude e TV

De acordo com a pesquisa desenvolvida pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) e pela UNICEF, (VIVARTA.2008) adolescentes e jovens brasileiros passam cerca de quatro horas por dia diante da televisão. A pesquisa foi realizada entre 1.086 jovens, com idade entre 15 e 24 anos, em nove regiões metropolitanas do Brasil⁶. Apesar das diferenças sociais, dados da UNICEF apontam que 51% dos adolescentes encontram na TV sua principal fonte de entretenimento. Dentre eles, 63% consideram que a programação é de qualidade. Os programas mais assistidos são as novelas e as minisséries, seguidas pelos filmes e desenhos animados. Entretanto, desde 1999, a Internet começa a se apresentar como uma importante fonte de lazer.

Na análise da ANDI um dado se destaca: dificilmente a programação expressa as diferentes marcas territoriais dos jovens pesquisados. Os programas que costumamos chamar de “programas para juventude” são direcionados para um jovem idealizado pelos criadores e produtores. Normalmente, os interesses a eles atribuídos estão de acordo com os objetivos políticos e econômicos das grandes instituições e empresas que controlam a comunicação no país. Por isso, os conteúdos e personalidades da programação são as mesmas em todas as regiões do país, sem diferenciar adultos ou jovens, comunidades urbanas ou rurais. Em todos os canais os formatos de programas são os mesmos. Jornalismo, ficções sob a forma de seriados, musicais e jogos de auditório e jogos com baixo grau de interatividade via telefone. É dentro deste contexto que nosso olhar possui uma visão crítica diante das produções da TV comercial e, muitas vezes, da produção alternativa “dita” comunitária, ou mesmo universitária (veiculada nas TVs públicas), mas que não passam de uma cópia de má qualidade dos

⁶ Grande Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Distrito Federal.



programas das TVs comerciais. Má qualidade de conteúdo, que pouco tem a dizer de novo e, principalmente, má qualidade técnica.

O meio é a mensagem

Se levarmos em consideração que viver é comunicar, e que o processo de comunicação dos sistemas complexos capazes de se auto-afetar (Oliveira,2003) é diferente do modelo comunicativo idealizado por *Shannon* na primeira metade do século XX,⁷ poderemos compreender melhor as palavras de McLuhan (2005) quando, ainda na década de 60, afirmava que o *meio é a mensagem* ou a *mensagem*, já que neste último caso atua diretamente sobre nosso corpo. Isto é: uma estrada de ferro, um avião, ou a Internet, quando colocam em comum cidades, pessoas, modos de pensar, agir e sentir, estão criando uma nova topografia. Os modos de estar em comum se reorganizam, surgem novas formas perceptivas, o tempo e o movimento sofrem profundas mudanças qualitativas.

Como prenunciava McLuhan(2005), equipamentos eletrônicos como a televisão, provocariam uma transformação no sistema nervoso, capaz de criar uma *assintonia* entre gerações: a geração da imprensa e a geração eletrônica.

A chamada assintonia entre gerações representa uma divisão entre as pessoas que cresceram entre a era visual do Primeiro Mundo, com seu complexo industrial – um mundo de empregos, de pontos de vista, políticas e atitudes, e os filhos dessas pessoas, criados no mundo acústico simultâneo-instantâneo da televisão (McLuhan.2005:p.334)

A geração eletrônica dá seus primeiros passos no século XIX, com a invenção do telégrafo em 1934, e vai até a televisão, (na segunda metade do século XX), passando pelo rádio e pelo cinema. A TV, unindo a todos na mesma sintonia, recria um mundo tribal ou primitivo, uma aldeia global. *Acho que o termo primitivo talvez seja enganoso, mas ele sugere que as pessoas estão menos habituadas a extrair aspectos*

⁷ No campo da complexidade, a comunicação não ocorre entre um emissor e um receptor, previamente instituídos. Ambos surgem a partir do meio, isto é, de um sinal ou ruído que se diferencia em um *meio* e que se propaga, fazendo com que emissor e receptor se constituam *a posteriori*. *A mediação é que funda os interlocutores, que assim não são prévios à mediação*. Isto quer dizer que, antes da propagação da informação pelo meio, temos dois pólos que não estão conectados e que, quando se conectam através do meio, que, enquanto portador de um sinal ou informação, os institui, enquanto interlocutores, em emissor e receptor. (OLIVEIRA. 2003) Para completar a explicação de Oliveira, Norbert Wiener (1964) explica que a informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior quando nos ajustamos a ele e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. Receber e utilizar informação é o processo de nossa adaptação, que permite que vivamos em nosso meio ambiente.



singulares, níveis singulares etc., e que estão acostumadas a um compromisso mais inclusivo, totalmente sensorial, com as situações. (Idem. 2005, :p.64) Isto quer dizer que, na era da eletrônica, o conhecimento é produzido a partir de uma relação direta entre pessoas e coisas, num processo de conhecimento sensorial que se dá a partir da comunicação pelo meio, como ocorre durante um diálogo. Na interação entre duas pessoas que conversam, há uma interpenetração, onde um modifica o outro. O mesmo acontece quando se assiste a um programa de televisão ou a um *show* de entretenimento. Não assistimos à televisão, ou vemos um filme de forma distanciada, como lemos um livro, que nos obriga a um profundo exercício mental interiorizado. Quando assistimos à televisão, o corpo inteiro ouve, vê e reage instantaneamente aos estímulos audiovisuais do aparelho. E mesmo que nossa atenção não esteja nas imagens transmitidas, nosso corpo está sendo afetado por ela, já que nosso aparelho perceptivo está preparado para reagir a qualquer transformação no meio ambiente. A cada corte da imagem, temos uma reação interna aos novos estímulos emitidos (Kerckhove, 1997).¹

Como em nossa sociedade, boa parte da experiência é transmitida através dos meios de comunicação, principalmente a televisão, o professor deve dominar a tecnologia de sua época e ser capaz de transmiti-la a seus alunos de forma crítica, para que eles sejam capazes de detectar a produção de subjetividades seriadas dos meios massivos. Daí a necessidade de o professor das novas gerações ser capaz, não só de consumir produtos audiovisuais, mas também de produzir, junto com seus alunos, seus próprios trabalhos. Assim como uma criança aprende a fazer uma redação sobre a ida ao Jardim Zoológico, ela deve ser capaz de realizar um documentário sobre seu passeio, com imagens gravadas em seu telefone celular e editadas nos *softwares* caseiros de edição e veiculadas no Youtube. A possibilidade de veicular sua própria produção cria um movimento de externalização do próprio pensamento, elaborado a partir das principais combinações sensoriais, que passam a fazer parte de uma mente coletiva (Kerckhove.1997), do intelecto geral ou infosfera (HARDT E NEGRI, 2002) que recobre o planeta.

Foi a possibilidade de alcançar uma visibilidade midiática que levou diversos alunos da FEBF a participarem das Oficinas de Criação Audiovisual.

O prosumidor e o operário social

Computadores dão continuidade à mídia eletrônica, principalmente depois do advento da TV de alta definição (HDTV), que é a passagem da televisão para o reino



dos computadores (KERCKHOVE, 1997). HDTVs são computadores que transmitem imagens e sons digitais através de conexões à Internet via satélite e/ou tecnologia ADSL e que permitem a interatividade entre emissores e receptores. Conectada às redes de comunicação, a televisão se transforma em um *telecomputador, capaz de ligar indivíduos com suas necessidades pessoais à mentes coletivas* (KIERKCHOVE, 1997, p.89), sem respeitar fronteiras, nem espaciais e nem temporais. Isso implica em novas formas de tomada de consciência e demanda novos processos educacionais capazes de responder a esse novo contexto. Neste caso, o ponto de vista de McLuhan nos anos 60 ainda continua atual, quando ele afirma que a educação ainda está ligada ao processo de modelagem dos indivíduos através de um conhecimento já pronto, que não respeita diversidades, tempos e espaços. (MCLUHAN apud LORENZONI, 2005). Essa é uma educação que ainda está voltada para as sociedades disciplinares, onde o importante era criar corpos dóceis, prontos para obedecer ao ritmo da linha de montagem (FOUCAULT, 2004) das sociedades industriais. Uma educação para as massas que não seria a mais adequada para os jovens contemporâneos, que já nascem conectados à Internet através de seus computadores e que vivem na sociedade da informação.

Essa nova geração, desde pequena, aprendeu a lidar com aparelhos celulares, *joysticks*, interfaces gráficas intuitivas, câmeras fotográficas e vídeo digitais, *softwares* de edição e animação, *videogames*. Ela frequenta *sites* de relacionamento e está acostumada a uma vida digital. Uma juventude que não é apenas consumidora de sons e imagens pré-fabricas pelos grandes canais de comunicação. A facilidade de manipulação dos novos equipamentos permite que ela produza material próprio, que é disponibilizado e consumido instantaneamente na rede através do *You tube*, do Facebook, MySpace, dos blogs etc. Como apontam diversos artigos que analisam as transformações na subjetividade contemporânea, *há uma necessidade de se mostrar nessas vitrines midiáticas* (SIBILIA, Paula. Mauad X, 2009, p.242). Os jovens, homens e mulheres dessa geração capaz de produzir o que consome e que vive uma vida midiática forma um exército de *prosumidores*. (Kerckhove.1997).

Entretanto, se pensarmos que os *prosumidores* vivem numa economia voltada apenas para a produção e consumo de produtos abordados sob o aspecto de valores simbólicos difundidos pela mídia massiva e produtora de subjetividades *prêt-à-porter*, estamos usando categorias baseadas nos conceitos de indústria cultural e nas teorias hegemônicas que estiveram em voga até meados do século XX. Uma abordagem que, de acordo com Simmel, acredita que apenas uma classe intelectual produz e que a moda



vai se difundir através da imitação (KERCKHOVE, 1997). Nesse caso, pensamos a comunicação como mera transmissão de produtos simbólicos que são encarados como dados de mercado que dizem relação a um consumidor totalmente passivo. Uma abordagem que não leva em consideração a transformação provocada pela tecnologia nos processos de produção que levaram à passagem da sociedade industrial para a sociedade de informação e serviços, onde o trabalho imaterial assume uma posição estratégica. (HARDT e NEGRI, 2002). No novo contexto, a produção de conhecimento é um dado estratégico, já que a informação é *a única substância que cresce com o uso, em vez de decrescer, como acontece com os recursos naturais* (KERCKHOVE, 1997, p.95).

Podemos verificar a existência de uma ressonância entre o conceito de *prosumidores* com o de *operário social*, de Lazzarato e Negri (2001). O operário social surge em meados do século XX, quando o conceito de trabalhador se amplia, incluindo não apenas os operários das fábricas, mas todos aqueles que produzem conhecimento, informações, serviços e afetos. São intelectuais, trabalhadores do setor de serviços, artistas, estudantes, donas de casa e todos aqueles que, no dia a dia, se relacionam, criam, produzem e consomem algum tipo de informação, serviços, laços sociais e geram sentimentos de conforto e bem-estar. Em suma, realizam um trabalho imaterial de produção constante, que é fruto das relações sociais que se estabelecem no cotidiano. Por isso vivemos numa sociedade da abundância de produção imaterial. Uma produção coletiva que está disponível para todos e cujo valor está fora de qualquer medida (HARDT e NEGRI, 2002).

É no contexto de produtores de trabalho imaterial que se inserem os alunos que participaram das oficinas do Laborav. Através do reconhecimento das marcas territoriais da região da Baixada Fluminense, da apropriação dos meios de produção e veiculação e da ressignificação da produção já existente, os alunos estão dando os primeiros passos em busca de uma programação alternativa para a TV Kaxinawá, capaz de interessar aos jovens da periferia onde a FEBF está instalada, mas também alcançar um universo mais amplo.

Marcas territoriais

Tomaremos como ponto de partida o conceito de território como o espaço que alguém cria em torno de si para se proteger do caos externo, de Deleuze e Guattari (2002). Um território se constitui a partir do agenciamento de determinadas marcas



visuais, sonoras, olfativas, táteis e/ou comportamentais. O conjunto de marcas conforma um meio. Gatos demarcam seu território com o cheiro de sua urina. Pássaros fazem o mesmo com seu canto. Seres humanos usam componentes materiais como tijolos para construir as paredes de sua casa. Tijolos materiais que se somam a pequenos tijolos imateriais que vão expressar um território simbólico, imaterial, sonoro, visual etc. Quando eles ultrapassam suas funções ao longo do tempo se tornam marcas expressivas consistentes constituem um território.

O território da FEBF está localizado no município de Duque de Caxias (RJ), na Baixada Fluminense. Uma região onde as cidades funcionam como dormitórios para a mão-de-obra que trabalha no Rio de Janeiro, cuja marca mais expressiva não é a produção de bens imateriais e de capital afetivo. É a violência. A região é conhecida como nascedouro e moradia de grupos de extermínio.⁸ Apesar de ostentar o sexto maior Produto Interno Bruto (PIB) do país, tem graves carências sociais, que se refletem na falta de creches, escolas e oportunidades de trabalho. A população é de baixo poder aquisitivo e uma grande parcela é ligada a diversas seitas evangélicas. Esta marca está presente entre os/as alunos/as da FEBF.

O complexo cultural da região é deficitário, principalmente em termos audiovisuais. De acordo com os alunos, não existem cinemas e as locadoras de vídeos e DVDs só oferecem filmes de ação, romance, lutas marciais ou os filmes considerados como *trash* pelos mais informados. Além disso, o acesso à Internet via banda larga ainda é pequeno. Nesse contexto, a televisão ainda pode ser considerada a principal fonte de cultura e de lazer. É através das imagens televisuais que se conforma o olhar, o pensar e o sentir dos jovens da região.

Mas, se levarmos em consideração que territórios são espaços permeáveis que permitem trocas entre fluxos de marcas materiais e imateriais, interiores e exteriores podemos verificar que, todo o tempo acontecem processos de territorialização e desterritorialização. Um ato de territorialização se completa no momento em que os componentes do meio interno e externo são apropriados e se tornam uma nova forma de expressão a partir de novos agenciamentos. Por isso, criar um território seria um dos efeitos da arte. Foi em busca deste

⁸ Como comenta José Cláudio Souza Alves, autor do livro *Dos barões ao extermínio: «A Baixada Fluminense, com suas cidades-dormitórios, o excesso de mão-de-obra barata e as indústrias de fundo-de-quintal, são o suporte para a grande metrópole, Rio de Janeiro... A partir dos anos 80, na Baixada e no Rio de Janeiro, os grupos de extermínio sofrem a chamada “autonomização”, isto é: os grupos passam a ser compostos não só por policiais militares, mas também por cidadãos, pessoas comuns que passam a ser arregimentadas para realizar “operações de limpeza” nos diferentes bairros suburbanos ou favelas.* Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/04/312662.shtml>.



olhar artístico na região de Duque de Caxias que procuramos fazer contato com o cineclube *Mate com Angu*, em busca de um outro olhar.

O cineclube *Mate com Angu*⁹ realiza, às quartas-feiras, as sessões que exibem curtas-metragens de ficção e documentários de produção independente ou alternativa. Uma vez por mês, a sessão é associada à festa com DJ e venda de cerveja, e reúne a juventude “antenada” da região. A programação do cineclube é uma gota d’água de diferenças num território homogeneizado. Os filmes apresentados incluem produções independentes dos jovens da região, ficções e documentários realizados pelos integrantes do cineclube, material produzido em Faculdades de Cinema do Brasil, projetos audiovisuais realizados em oficinas e cursos comunitários como os da *Escola Livre de Cinema* de Nova Iguaçu, além de filmes de ficção e documentários apresentados no Festival de Sundance¹⁰ e em outros festivais alternativos do mundo globalizado. O pessoal do *Mate com Angu* também produz seus vídeos, que estão disponíveis em um DVD realizado em parceria com a videolocadora e produtora *Cavideo*, em Botafogo, na Zona Sul do Rio. Nesta locadora, podemos encontrar audiovisuais independentes e alternativos produzidos pelas escolas de cinema e projetos sociais voltados para a produção de imagens e sons nas comunidades do Rio e da Baixada. O contato com os produtores de vídeo de Duque de Caxias ampliou a visão dos alunos das oficinas de criação.

Uma produção antropofágica.

Verificando este contexto, chegamos ao ponto de partida que irá nortear o material que foi assimilado antropofagicamente por nossos alunos em sua produção. Dentre eles estão o material do *Mate com Angu* e da TV comercial e o reconhecimento das marcas territoriais da baixada. A estes se somaram a consciência de uma atuação como operário social, o domínio técnico e estético dos meios de produção e a possibilidade de uma existência midiática.

A primeira apresentação dos vídeos produzidos aconteceu no dia seis de dezembro de 2007, no *campus* da FEBF. Todos os programas contavam com vinhetas

⁹ O Cineclube *Mate com Angu* foi fundado em 2002, como um movimento para discutir a produção e exibição de imagens e suas implicações sociais e estéticas na realidade e no modo de vida da região. Além da exibição de filmes e vídeos, o grupo também realiza debates em escolas, associações de moradores e ONGs da Baixada. Além disso, o grupo produz filmes que procuram apresentar a marca dos habitantes da região.

¹⁰ Festival realizado nos Estados Unidos, que se tornou o mostruário de produções independentes e alternativas de todo o mundo. Além da mostra cinematográfica, o Festival também participa de produções e organiza oficinas de roteiro.



animadas de introdução e encerramento e foram realizados de forma precária, com uma *handcam* sem entrada para microfone. Nos projetos, verificamos que os formatos escolhidos refletiam os gêneros televisivos comerciais: longas e curtas de ficção, mesas redondas, entrevistas, povo fala. O formato seriado foi o mais presente e os programas não apresentavam nenhuma singularidade que determinasse uma origem periférica.

A orientação prática e o convívio intensivo com equipamentos de gravação e de edição criaram um novo devir para o olhar dos alunos. Hoje, eles começam a dominar a linguagem narrativa e a técnica do audiovisual. E, se no início eles não tinham conhecimento das possibilidades oferecidas pela tecnologia digital, hoje já podemos detectar uma maior elaboração na criação das imagens e dos conteúdos.

Verificando este contexto, percebemos nos novos projetos que já estão em fase de produção, a busca por conteúdos mais consistentes e formas estéticas mais elaboradas, com profunda influência da MTV, dos videogames, dos quadrinhos e dos animes, além de uma forte tendência ao *non sense*. Um material assimilado antropofagicamente por nossos alunos e que resultaram nos seguintes projetos que estão em fase de produção:

- *Cidade exposta* – Série de 12 episódios que mostra o modo de vida da Baixada. Episódio 1: *Do mangue à mesa*. Documentário de 20 minutos que mostra o percurso de um caranguejo desde sua pesca no manguezal até ser servido em um restaurante que é especializado em frutos do mar em Duque de Caxias. Nesse percurso, serão apresentados os projetos de recuperação do manguezal da região, o destino das cooperativas de pescadores, as feiras livres e a vida dos trabalhadores e freqüentadores de um restaurante que é ponto de reunião das famílias locais.
- *Quem cala consente* – série de entrevistas com estátuas de artistas que estão nas ruas do Rio de Janeiro; Pixinguinha, Carlos Drummond de Andrade, Dorival Caymi etc. Cada personagem será abordado em um vídeo com cerca de 8 minutos. O programa tem uma forte tendência a uso em sala de aula, na medida em que conta, através de perguntas sem respostas (quem cala consente...) a vida das personalidades que viraram estátua.
- *Jardim Lixão* – documentário de 30 minutos, que faz um paralelo entre a reciclagem das latinhas alumínio e a “reciclagem” de jovens da periferia que vão fazer parte de grupos que “tocam lata”, como o Afrolata. No formato de um musical, a história será contada através do paralelo entre o ciclo de vida de uma latinha (produção,



comercialização, consumo, sua exclusão ao ir parar nos lixões e a reciclagem que vai inseri-las na vida social através da arte) e a vida de um jovem de periferia (que nasce e que a partir de uma certa idade passa a ser excluído mas que se reinsere na sociedade, ao participar de projetos sociais voltados para a produção artística.

- *Por dentro do fora* – entrevistas no ambiente da Faculdade com produtores culturais e artistas da Baixada, mostrando a efervescência cultural da região, com seus músicos experimentais, artistas plásticos alternativos, cantores, compositores e cineastas. As entrevistas serão transmitidas ao vivo pela Rádio Kaxinawá.

Considerações finais

Territórios são espaços permeáveis, que permitem trocas entre fluxos de marcas materiais e imateriais, interiores e exteriores. É bom lembrar que os territórios não pré-existem às suas marcas. São as marcas que o constituem. Um ato de territorialização se completa no momento em que os componentes do meio interno e externo são apropriados e se tornam uma nova forma de expressão a partir de novos agenciamentos. Por isso, criar um território seria um dos efeitos da arte. É esse território estético que pretendemos criar no Laborav.

O trabalho imaterial realizado através da apropriação das tecnologias de informação pelos alunos de pedagogia da periferia do Rio de Janeiro abre o espaço para territorialização das imagens e sons que circulam pelo ciberespaço, criando um conteúdo ao mesmo tempo local e global. Transformados e revestidos por outras linguagens e formas através do conhecimento da tecnologia e do experimentalismo, a produção audiovisual dos futuros professores da rede escolar visa inseri-los no contexto produtivo do trabalho imaterial, ao mesmo tempo em que os prepara para lidar com a nova geração de alunos. Ciborgues ou não, serão futuros professores e alunos capazes de experimentar processos de subjetivação autônomos, criando uma linha de fuga expressiva na sociedade de controle que sucedeu à sociedade disciplinar? Será que a posse de um meio não comercial de produção e difusão de imagens e sons criados por uma juventude conectada pode abrir caminhos para a formação de um indivíduo mais democrático, integrante de uma *multidão esperta*?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Airton Lorenzoni. O velho aldeão está de volta. Revista Espaço Acadêmico.No.55.2005.disponível em http://www.espacoacademico.com.br/055/55mh_almeida.htm acessado em 08/02/2009.



ANTOUN, Henrique(org). *WEB 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Maud X, 2008

FELINTO, Eric. *VIDEOTRASH, O YouTube a Cultura do “Spoof” na Internet*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_176.pdf acessado em 08/02/2009

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo. Martins Fontes. 2002

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo. Martins Fontes. 2008

GUATTARI, Felix, Ronilk, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. *Império*. São Paulo. Record. 2002.

LAZZARATO, Maurício. NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial*. Rio de Janeiro. DP& A Editora. 2001.

MCLUHAN, MARSHALL. *McLuhan por McLuhan. Conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005

OLIVEIRA, Luis Alberto. *Biontes, bioides e borgs*. In. NOVAES, Adauto. *O homem máquina. A ciência manipula do corpo*. São Paulo. Cia das Letras. 2003

ROLNIK, Suely. *Subjetividade antropofágica*. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>

SIBILIA, Paula. *Em busca da aura perdida: espetacularizar a intimidade para ser alguém*. in ANTOUN, Henrique(org). *WEB 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Maud X, 2008

VIVARTA, Veet. (coord). *Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes*. São Paulo: 2008
